

# O VENTO NAS DUNAS - BIOGRAFISMO E CRÍTICA LITERÁRIA

Luis Alberto F. Brandão Santos\*

## RESUMO

O Autor ainda está morto? Quais são, hoje, as possibilidades de uma abordagem biográfica? Pelo menos duas perspectivas parecem abertas: o autor *dentro* do texto e o autor enquanto *outro* texto.

## ABSTRACT

Is the Author still dead? Which are the possibilities of a biographic approach nowadays? At least two perspectives seem to be opened: the author *within* the text and the autor as *another* text.

---

\* Doutorando em Literatura Comparada na UFMG.

O Autor está morto. Esse decreto ecoou, de modo mais ou menos intenso, em diversas correntes de análise literária desde as primeiras décadas deste século, passando a ter divulgação crescente sobretudo a partir da década de 50. Da Fenomenologia ao New Criticism, do Formalismo Russo ao Estruturalismo, a divisão, mais ou menos explícita, mais ou menos rígida, entre aspectos intrínsecos e aspectos extrínsecos de um texto deslegitimou a análise biográfica — que toma um texto à luz necessária de referências da vida de seu autor — enquanto procedimento crítico válido e produtivo. O texto deixa de ser apenas o canal pelo qual se propaga a voz de seu criador — voz essa que todo crítico deveria esforçar-se por ouvir — e ganha sua própria voz, passando a dizer de si mesmo. De maneira autônoma, passa a carregar em si sua significação.

Esse gesto de ruptura com certa tradição que cultuava o biografismo como um ponto de vista privilegiado de abordagem de textos literários pode ser entendido através de duas constatações básicas. A primeira é a de que esse biografismo seria, na verdade, incapaz de abordar a obra, produzindo apenas a superposição de dados da vida do escritor em detrimento dos dados do texto. Essa superposição não dialógica seria a prova da importância de se pensar o texto propriamente dito. A segunda constatação, complementar da primeira, acusa o caráter tutelar que o autor exerceria sobre sua obra. O autor cumpriria o papel de fonte do seu texto, de presença originária que explicaria e preencheria os aspectos lacunares que por ventura pudessem se apresentar em uma análise crítica. Atribui-se ao autor o status de referente do texto. Autor: causa; texto: efeito. Põe-se em dúvida, dessa forma, a relação especular que o escritor — personalidade civil, marca de propriedade autoral — supostamente manteria com a obra.

## AUTOR E SUJEITO: PLENITUDE E DERROCADA

A possibilidade de valorização e posterior recusa desse biografismo em que, segundo Lejeune "o autor aparece como a 'resposta' à questão que coloca seu texto"<sup>1</sup>, parece coincidir com um movimento respectivo de apologia e subsequente questionamento da plenitude do sujeito. De acordo com Lejeune, "esta personalização e esta sacralização do papel do autor constituem um fato cultural geral, historicamente datado"<sup>2</sup>, que poderia ser localizado nos fins do século XVIII. Também nessa linha de raciocínio, Barthes indicará que:

o autor é uma personagem moderna, produzida sem dúvida por nossa sociedade na medida em que, ao sair da Idade Média, com o empirismo inglês, o racionalismo francês e a fé pessoal da Reforma, ela descobriu o prestígio do indivíduo ou, como se diz mais nobremente, da "pessoa humana". Então é lógico que em matéria de literatura, seja o positivismo, resumo e ponto de chegada da ideologia capitalista, que tenha concedido a maior importância à "pessoa" do autor.<sup>3</sup>

Com a gradativa perda da crença em um sujeito soberano, exposto, segundo Foucault, às descentralizações provocadas pelo marxismo, pela genealogia nietzscheana, a psicanálise, a lingüística e a etnologia<sup>4</sup>, o império do autor — instituição biográfica, contrato de cidadania e propriedade escritural — parece também se desmoronar.

<sup>1</sup> LEJEUNE, Philippe. L'image de l'auteur dans le médias. In: \_\_\_\_\_. *Moi aussi*. Paris: Seuil, 1986. p.87.

<sup>2</sup> Ibidem.

<sup>3</sup> BARTHES, Roland. A morte do autor. In: \_\_\_\_\_. *O Rumor da Língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.66.

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 2ª ed. Trad. Luiz Felipe Bacta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986. p.15.

A recusa do autor parece ter sido necessária para que pudessem vir à tona outras possibilidades de abordagem do texto, para que uma maior liberdade de leitura pudesse ser exercida. Em suma, parecia essencial que o texto pudesse respirar outros sentidos para além daqueles que deveriam sempre ser cobrados em nome da intenção tutelar do autor. É esse aspecto que parece ser ressaltado por Jean-Claude Bonnet quando este afirma que:

Esse descrédito geral do interesse tradicional pelo autor como pessoa real (interesse suspeito de estar fatalmente preso à ilusão referencial) não foi mero grito polêmico ou uma passagem obrigatória para se obter um brevê de modernidade. Ele liberou a leitura das obras, prisioneiras de uma insensatez biográfica que, por demasiado tempo, havia condenado a inteligência.<sup>5</sup>

No entanto, se a recusa do autor parece ter surgido, num primeiro momento, como uma recusa incondicional que sugeria a pressuposição de um imanentismo da significação de todo e qualquer texto, num momento posterior passou a haver a necessidade de se questionar essa autonomia absoluta, de se enfatizar a relativização do ponto de vista inicial.

## PARA UM NOVO BIOGRAFISMO

Esta reavaliação parece vir ocorrendo através de duas etapas. Como um primeiro passo, vem sendo feito um esforço de revalorização da figura do leitor. Contra a concepção que pressupõe a leitura como uma mera transmissão, para um leitor passivo meramente decodificador de sentidos já fixados no texto, busca-se firmar a figura do leitor como um participante ativo no processo de produção das

---

<sup>5</sup> BONNET, Jean-Claude. *Le fantasme de l'écrivain. Poétique*, Paris: 63, 259-277, sept. 1985. p.259.

significações. Contra a concepção do trabalho crítico como mero desvendamento das estruturas imanentes do texto (o crítico como um leitor mais sofisticado mas igualmente passivo), passa a ser viável pensar o crítico como um leitor criador e atuante sobre a obra.

Essa mudança de atitude pode ser ilustrada pelo desenvolvimento da chamada Estética da Recepção, que, a partir da década de 70, surgirá como um esforço no sentido de criar uma base teórica para uma teoria da literatura que dê primazia ao leitor e às formas de recepção das obras literárias.

Outro caso exemplar é o do próprio Barthes, que, em 1968, no mesmo artigo em que proclama a morte do autor, já prevê que a essa morte é tributária à possibilidade de nascimento do leitor. O movimento mostra-se como sendo, portanto, o de um deslocamento do autor para o leitor: "a unidade do texto não está em sua origem, mas no seu destino".<sup>6</sup> O risco dessa posição, se levada a extremos, é o de se atribuir um papel fundador ao sujeito (agora um sujeito-leitor) que livremente doaria sentidos ao texto.

Reintroduzindo o leitor, o passo seguinte aponta na direção das seguintes perguntas: É possível repensar a figura do autor de um modo criticamente produtivo para a análise literária? É possível esboçar um novo biografismo?

## O AUTOR: DENTRO DO TEXTO, OUTRO TEXTO

Um primeiro levantamento objetivando delinear uma possível resposta para estas questões nos apontará duas perspectivas. A primeira propõe situar o autor dentro do texto. a segunda sugere que o autor seja pensado como um outro texto.

A primeira perspectiva trabalha com a idéia de que é possível lidar com o autor enquanto um fato literário, enquanto um efeito do texto. O conceito de autoria ganharia a dimensão de uma instância — proposta pelo texto e atualizada pelo leitor — na qual se configuraria uma entidade percebida como aquela que é organizada

<sup>6</sup> BARTHES, Roland. Op. cit. p.70.

(mas que também organiza) pelo jogo de enunciações. Barthes dirá: "perdido no meio do texto (não atrás dele ao modo de um deus de maquinaria) há sempre o outro, o autor".<sup>7</sup> Para Foucault, essa nova visão significaria uma mudança de questões. Se na hipótese do sujeito doador de sentidos a pergunta era: "Como um sujeito livre penetra a substância das coisas e doa a ela um sentido?", passaríamos a perguntar: "como, sob quais condições e em que formas algo como um sujeito pode aparecer na ordem do discurso?"<sup>8</sup> Segundo ele, o autor "caracteriza um modo de ser do discurso."<sup>9</sup>

Já a segunda perspectiva considera que o nome estampado na capa de um livro inevitavelmente remete a um outro texto, ou seja, a um outro conjunto de saberes (infimos ou vastos): o comentário de alguém, uma imagem na televisão, uma extensa fortuna crítica, a resenha do jornal, uma entrevista, outros livros, em suma, uma *certa* biografia. Se um livro de um autor absolutamente estranho cai nas minhas mãos, pergunto: esse desconhecimento já não é, em si, um texto? O vazio que esse nome opaco carrega não funda um lugar, um espaço biográfico? Ou, conforme problematizou Foucault, o próprio conceito de obra já não pressupõe um conceito de autoria?

Essas duas perspectivas de conceber a figura do autor, seja como efeito projetado pelo texto, seja como um texto paralelo ao texto literário, estão intimamente interligadas e se condicionam mutuamente. O texto que, de alguma forma, o leitor já tem composto para si de um determinado escritor (certas biografias ou, como sugeriu Barthes, biografemas) certamente atua no escritor que o leitor comporá mediante a leitura do texto. Inversamente, o escritor que surge, para o leitor, a partir do texto, certamente influenciará a percepção e a relação que este leitor passará a desfrutar com outros textos que se relacionem a este escritor.

---

<sup>7</sup> BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987. p.38.

<sup>8</sup> FOUCAULT, Michel. What is an author? In: Harari, J.V. (ed.) *Textual strategies*. Itacha, New York: Cornell University Press, 1979. p.158.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p.147.

## EMBATE DE AUTORES

É através da inserção nesse diálogo textual que se torna possível pensar um novo biografismo. Um novo biografismo crítico poderia ser construído a partir do embate entre dois autores: aquele autor que é configurado pelo próprio texto literário (apreendido na leitura feita pelo crítico) e o autor que se configura em um outro texto, em um certo texto biográfico (construído, selecionado pelo crítico em função do seu projeto de leitura da obra).

Além desse embate, outra possibilidade interessante se abre para o trabalho crítico. É a possibilidade de se tentar a reconstrução desse autor gerado pelo texto em diferentes contextos de recepção da obra literária. Ou seja, perseguir as perguntas: Como esse texto construiu seu(s) autor(es) ao longo do tempo? Como esse autor se relaciona como a construção daquele outro autor, veiculado pelas variações do modo de construção dos textos biográficos correspondentes? Esse é um projeto que tem como maior mérito o de "compreensão do texto poético em sua alteridade"<sup>10</sup>, ou seja, de poder trazer à tona a consciência de que autor e biografia não são dados fixos, mas produções textuais.

Essa consciência se torna presente desde que se abdique da reivindicação de autonomia de qualquer uma das esferas do fenômeno literário. Não há autonomia do autor — que explicaria seu texto através da sua intenção suficiente e necessária. Não há autonomia do texto — que possuiria em si sua verdade, seu sentido imanente. Não há autonomia do leitor — que arbitrariamente doaria sentidos ao texto. Parece ser mais interessante pensar que há sempre um movimento de produção do sentido, através de uma dinâmica de interrelações entre essas esferas. Ou seja: semiiose.

O sentido não está em um lugar, mas em trânsito. E o trabalho crítico surge como uma proposta de desdobramento do movimento desses sentidos. Seus objetivo primordial seria o de criar novas vias de circulação. Quanto a um novo biografismo, este funcionaria como o projeto de utilização de um determinado tipo de

<sup>10</sup> JAUSS, Hans Robert. O texto poético na mudança de horizonte da leitura. In: COSTA LIMA, Luiz. *Teoria da literatura em suas fontes*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. v. 2. p.312.

texto (certo texto biográfico) que passa a se oferecer para o enriquecimento desse movimento de produção, surgindo como uma fonte para novas aproximações, s alteridades.

## CRÍTICA BIOGRÁFICA EM 3 DESDOBRAMENTOS

Com a semiotização dos conceitos de autor e de texto biográfico (com a atenção para o fato de que essa semiotização não significa que esses conceitos são arbitrários, mas, pelo contrário, devem sempre ser considerados dentro de uma cadeia de significações), quais movimentos se abrem para uma nova crítica biográfica? Peirce, descrevendo o funcionamento dos signos-pensamento, dirá que um signo tem três referências:

primeiro, é um signo *para* algum pensamento que o interpreta; é um signo *de* algum objeto ao qual, naquele pensamento, é equivalente; terceiro, é um signo, *em* algum aspecto ou qualidade, que o põe em conexão com seu objeto.<sup>11</sup>

Se considerarmos o trabalho crítico como um signo-pensamento, como um exercício reflexivo que tem como objeto o texto literário, constataremos os seguintes desdobramentos para uma possível crítica biográfica:

A crítica se propõe a trazer em si certos aspectos do seu objeto. Nesse sentido, ela é apenas *um* texto. Um desses aspectos, em relação a uma crítica biográfica, é o próprio delineamento, no texto, da figura de um autor. Esse autor, constituído na crítica é, dessa forma, correspondente ao autor que existe como virtualidade no texto literário.

A crítica se volta para um texto de referência nomeado. Deseja falar desse texto. No caso de uma crítica biográfica, esse falar pode surgir como resultado de aproximações do autor configurado na

---

<sup>11</sup> PEIRCE, C.S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, p.269.

obra com um outro texto de caráter biográfico (escolhido pelo crítico como uma certa biografia do autor).

A crítica abre-se para a leitura. Lança-se como texto, paralelamente ao texto literário. Nessa direção, a crítica também se insere na biografia do autor em análise (o conceito de biografia passa a exceder os limites de uma existência biológica. Hirsch já havia proposto uma fenografia — o estudo do indivíduo enquanto fenômeno.<sup>12</sup> Assim, a biografia se ampliaria num estudo das ressonâncias produzidas pelos textos atribuídos a uma determinada instância autoral). Além disso, um novo lance de dados se inaugura: a crítica também torna possível a construção de um outro autor, de um outro texto biográfico: o do crítico.

## O VENTO NAS DUNAS

Na opinião de Foucault, o autor — entendido enquanto uma função que corresponde a um modo específico de configuração do nosso sistema de circulação dos discursos — é um princípio de economia, de limitação à proliferação dos sentidos.<sup>13</sup> Se não cabe à crítica a pretensão ingênua de negar essa função-autoral (isso corresponderia a negar as próprias bases nas quais elas se funda), a semiotização do conceito de biografia (o dado biográfico considerado como produção textual) como condição de um novo biografismo crítico parece abrir um espaço, certamente não irrestrito, mas de maior amplitude, para a circulação dos sentidos. O autor é submetido não a uma morte, mas a uma descentralização.

Calvino associou a escrita a uma "superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto".<sup>14</sup> Irresistível a idéia de pensar a crítica como esse vento, cuja principal atribuição seria, exatamente: o movimento.

<sup>12</sup> Abud HOLUB, Robert. *Reception theory*. New York: Methuen, 1984. p.49.

<sup>13</sup> FOUCAULT, Michael. What is an author? Op. cit. p.159.

<sup>14</sup> CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.114.